

DIÁLOGO ENTRE O CINEMA E O TEATRO

ANTONIO CARLOS CLEMENTE MATEUS

Mestre em Literatura Brasileira (UERJ) e Doutor em Literatura Comparada (UERJ).

Resumo: Este trabalho trata do diálogo entre o teatro e o cinema. Ele analisa a presença da razão cínica no cinema.

Palavras-chave: teatro, cinema, razão cínica

DIALOGUE BETWEEN THE THEATER AND THE CINEMA

Abstract: This paper discusses the dialogue between the theater and cinema. It analyses the presence of cynical reason in film.

Keywords: theater, cinema, cynical reason.

Jordi Galceran estréia a peça *El método Grönholm*, em 29 de abril de 2003, com uma versão catalana e, em 13 de agosto de 2004, continua o sucesso de público com uma versão castellana. Em 2005, tem sua peça adaptada para o cinema pelo diretor Marcelo Piñeyro com o título *El método - no Brasil, O que você faria?* foi o título usado no cinema. Estudaremos a recriação da peça no cinema e a presença, no filme, da denúncia da razão cínica, estudada pelo filósofo alemão Peter Sloterdijk.

Há algumas diferenças que enriquecem a adaptação da peça para o cinema. Não vemos mudança de estratégia no que toca à organização do enredo. O conteúdo das provas sofre algumas alterações, mas continua havendo uma seqüência de dinâmicas onde os candidatos se enfrentam para defender o direito de permanecer na luta pelo cargo. A maior diferença entre as tramas está na quantidade de personagens e no número de psicólogos infiltrados. No filme, existem oito personagens. Há dois infiltrados: Ricardo e Montse, os quais representam a empresa. Os outros seis são concorrentes. Carlos e Nieves são

119



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

rotulados por Ana de membros da nova escola, por serem mais jovens. Por sua vez, Ana e Fernando fariam parte da velha escola. Fernando também fica conhecido como o macho ibérico, sendo chamado ainda de John Wayne, por Carlos, devido à truculência que lhe é própria. Julio é o David, dublê de ecologista, que luta contra o Golias empresarial poluidor de rios. Enrique é chamado pelo psicólogo Ricardo de equilibrista, pois está sempre em cima do muro, já que não quer se indispor com ninguém nem assumir posições.

A interação entre o espaço fechado da sala em que os candidatos se reúnem e o entorno do prédio da Dekia ganha um novo significado com o acréscimo dos protestos contra a globalização, que ocorrem no mesmo dia do processo seletivo. Dentro da sala, os candidatos ouvem com dificuldade os protestos que o povo em uníssono entoia na rua, enquanto a competição selvagem, desleal, acontece no espaço fechado, semelhante à prisão, em certos momentos, quando a porta trancada barra a livre circulação dos candidatos até o banheiro, por exemplo. O campo visual dos candidatos é muito limitado também em relação ao espaço da rua, apesar da enorme janela que existe na sala. Ela fica hermeticamente fechada, dificultando a audição e o ângulo de visão também. Esse fechamento dos concorrentes assume conotação metafórica, caso pensemos na falta de liberdade ou no desrespeito à liberdade alheia dentro daquele recinto.

A dificuldade de ver e a dificuldade de ouvir conotam igualmente a condição dos concorrentes em relação ao processo de seleção, mas também no que toca aos efeitos maléficos que a empresa produz na vida dos concorrentes, no ambiente e no povo. A cegueira e a surdez dos concorrentes contribuem para a disparidade de compreensão entre a platéia do filme e os personagens. A platéia ouve o coro do povo que pede união, mas assiste à desunião suicida que vai destruindo a vida dos concorrentes dentro da sala. A cegueira dos concorrentes se materializa nos monitores que a platéia vê em certa altura do filme, enquanto os concorrentes passam boa parte do filme na dúvida ou na ignorância sobre os olhos eletrônicos que vigiam os seus passos.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

A abertura do filme é carregada de conotações que se interligam. Primeiramente, escutamos apenas o tique-taque do relógio e vemos um braço que pende da cama na casa do candidato Júlio. O despertar estridente dos relógios solicita que os personagens acordem, porém pode ser lido também como um despertar simbólico para a tragédia que se abate sobre o cotidiano das pessoas. A tela fica dividida para mostrar os protestos contra a globalização e o despertar dos concorrentes. O tempo histórico interfere na rotina do cotidiano, dificultando o itinerário corriqueiro da cidade. O filho de Ana, uma das candidatas, não quer ir à escola por causa da confusão estabelecida na cidade, contudo a mãe adverte o filho de que haverá confusão de verdade, se ele não for à escola. O global interfere no local, todavia os candidatos enfrentam o caos da cidade e avançam impávidos até a arena da empresa.

A tela dividida mostra imagens do confronto entre manifestantes e guardas. A notícia é ouvida no rádio do táxi que o candidato Enrique usa para ir até a Dekia; é vista na televisão por Ana e o filho durante o café da manhã; é lida por Fernando no jornal que ele está folheando no bar onde toma café. A manchete do jornal de Fernando resume o acontecimento: “*Comienza hoy la cumbre FMI-BM em un Madrid sitiado*”. Os cartazes pelos quais passa Carlos reescrevem a versão do jornal do ponto de vista dos manifestantes, respondendo à conotação militar existente no viés da palavra “sitiar” com a expressão do desejo de um outro mundo, sem a opressão econômica do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial: “*Contra el FMI-BM. Otro mundo es posible*”.

O trecho final da abertura mostra Carlos de motocicleta, passando entre os carros, presos num engarrafamento e chegando à empresa. Nesse momento, a tela dividida registra a imagem de um guarda que inspeciona o fundo de um carro com um aparelho usado para detectar bombas, indiciando a preocupação com a segurança e conotando o caráter explosivo do momento enfrentado pela cidade. Depois, Carlos entra na sala da secretária Montse e a música suave da Bossa Nova enche o recinto com a melodia de *Wave* de Tom



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Jobim. Isso corta o ruído que vem da rua, dando a impressão de calma naquele espaço que está completamente alheado da agitação que tomou conta da cidade.

A trilha musical dialoga ironicamente com as cenas. O estresse da concorrência se confronta com a música do ambiente que é suave, como no exemplo de *Wave*. Há o caso da música *Patrícia*, um mambo de Pérez Prado que possui três versões no filme. Uma das versões é cantada por Caetano Veloso. O verso que fala de sincero amor, misturado ao ritmo latino do mambo e aos estereótipos que ele carrega, transforma-se num comentário irônico a respeito do casal Nieves e Carlos. É bom lembrar ainda que *Patrícia* é a música escolhida para a cena inicial de *La dolce vita* de Fellini, quando um helicóptero carrega uma estátua de Cristo através da cidade, trazendo, por isso, uma conotação cinematográfica da cidade e de seu mundanismo, conotação que afeta ar canalha de Fernando, intrometendo-se na relação de Carlos e Nieves.

A divisão da tela remete aos monitores usados para observar os candidatos, à maneira de um *Big Brother* empresarial. A divisão sinaliza igualmente a separação das pessoas que participam da luta pelo cargo e do mundo fechado da empresa em contraposição ao mundo fora da empresa, assim como indica os conflitos do mundo globalizado.

Façamos a análise de alguns exemplos da razão cínica criticada no filme. Encontramos economistas e advogados entre os candidatos que participam da trama. Carlos é economista e Fernando é advogado. Júlio Quintana, por sua vez, tem dupla formação: Economia e Direito. Cuidemos do cálculo de vantagens e desvantagens que, cinicamente, está relacionado à lei no filme. Isso pode ser notado no episódio que envolve o personagem Júlio Quintana. Ele põe a lei de proteção do meio ambiente acima dos interesses econômicos da empresa, fábrica de pesticidas, onde trabalhou.

Diga-se, de passagem, que há, antes do julgamento sobre a permanência de Júlio Quintana no processo seletivo, uma discussão sobre o método de seleção usado e Enrique



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Leon diz que, em alguns casos, câmeras escondidas são utilizadas para observar os candidatos. Júlio questiona a legalidade desse procedimento, sendo contestado por Fernando, já que a ilegalidade não é um problema para o poder da empresa. Fica no ar a insinuação de que a lei é para tolos, visto que a experiência acumulada pelo saber mundano comprova essa realidade perversa (SLOTERDIJK, 2007: 38). Júlio não se convence e insiste na diferença entre a legalidade e a ilegalidade.

Agora, essa ‘deslealdade’ de Júlio em relação à fábrica de pesticidas deve ser avaliada pelos colegas que concorrem com ele, eis a prova a ser enfrentada. Somos colocados diante de duas opções: o lucro ou a lei. Transgredindo a lei, o lucro da empresa é garantido, mas, nesse caso, o executivo se transforma num criminoso. Os colegas decidem pela eliminação de Júlio do processo por ter, segundo Nieves, traído o interesse da empresa que fabricava pesticidas ou, conforme a interpretação cínica de Carlos, por ter falhado na comunicação eficiente das conseqüências da poluição à empresa. Culpando Júlio de traição ou de ineficiência em comunicar-se com seus superiores, os colegas auxiliam a empresa Dekia, porque escondem a perseguição contra uma voz denunciadora (David) das práticas ilegais da firma (Golias).

Outro exemplo ocorre no episódio onde os concorrentes devem justificar a importância de suas habilidades curriculares para a manutenção de um abrigo que preserva os últimos remanescentes de uma catástrofe nuclear. Predomina aqui a “atmosfera overkill” denunciada por Sloterdijk (2007: 214). Restou apenas uma vaga. Ela pode ser de um dos dois. Ana se defende com o argumento de que faz milagres na cozinha, mas é questionada, porque essa habilidade não consta do currículo exibido na tela do computador para os colegas. Carlos se apóia na capacidade de contar histórias para tornar a vida no abrigo menos tediosa. Ele comprova essa capacidade de duas maneiras: com o registro no currículo e com uma demonstração prática de sua habilidade. Carlos se declara um aficionado pela arte literária. Para Ana, um bom prato sempre será melhor que um conto.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Carlos diverge de Ana e indaga se ela já leu Jack London. Ela não mostra intimidade com a obra do escritor americano e isso serve de deixa para Carlos iniciar sua prova prática. Ele resume o enredo de um conto que fala de um velho esquimó, como forma de criticar Ana por ter pegado carona no argumento de Nieves, a qual se ofereceu para ser a “mãe da humanidade pós-atômica”, conforme a síntese de Ricardo. Antes do seu relato, Carlos interrogou Ana a respeito de sua idade avançada para uma gravidez sem risco. Isso esclarece o destinatário da história e a moral que podemos tirar dela, porém nos conduz também a refletir sobre as leis e a ética num mundo catastrófico que o cinismo inventou. O resumo do conto, que foi apresentado por Carlos, é o seguinte:

Jack London... escreveu um conto sobre uma tribo de esquimós que migra sazonalmente. É a história de um ancião cansado, quase cego, que sente que não pode acompanhar a tribo e, então, todo o grupo pára e se despede dele, um por um, seus filhos também e, simplesmente, deixam-no ali com um pouco de lenha. O ancião se senta na neve, tranqüilo, lembrando-se do que foi sua vida. E quando acaba a lenha, morre congelado (*O QUE VOCÊ FARIA?*, 2005).

Ana pergunta a Carlos se o tipo de história que ele pretende contar é desse feitio, deixando implícita a sua reprovação. Ele não se incomoda, destaca o caráter didático do conto e afirma que muita gente tem o que aprender com a narrativa apresentada. A ironia de Carlos desequilibra Ana, que se torna mais agressiva, mostrando-se ferida com o ataque feito. Ela é eliminada e, no final do processo, Carlos vence todos os concorrentes, mas abre mão de sua própria vida em favor da empresa, que se assenhoreia dele, transformado-o numa marionete do discurso cínico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GALCERAN, Jordi. *El método Grönholm*. Madrid, Fundación Autor, 2006.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

MATEUS, Antonio Carlos Clemente. *Ser extraordinário ou homem de negócios?* 2008. 183pp. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Orientador: Victor Hugo Adler Pereira.
O QUE VOCÊ FARIA? Direção: Marcelo Piñero. Produção: Francisco Ramos e Gerardo Herrero. Argentina/Espanha/Itália: ArtFilms, c2005. 1 DVD.
SLOTERDIJK, Peter. *Crítica de la razón cínica*. 4ª ed., Madrid, Ediciones Siruela, 2007.

Recebido: 16/03/2010

Aceito: 25/03/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br